

Editorial

A reunião dos estudantes da Universidade de Copenhague, conhecida por ter se tornado um relevante espaço para o debate político, literário e filosófico da sociedade dinamarquesa no século dezenove, recebe como orador do dia 28 de novembro de 1835 um jovem que viria a se tornar um dos mais influentes filósofos do seu século e do vindouro. Neste dia, Søren Aabye Kierkegaard, com a idade de vinte e dois anos, está na arena pública. Ele prepara um discurso de resposta a Johannes Ostermann: este último havia feito, há algumas semanas antes, uma sonora aclamação ao papel da imprensa na luta contra a censura. O jovem estudante se sente incomodado pelo entusiasmo com que o público recebeu o discurso de seu colega e decide enumerar os argumentos contrários, ao que parece, mais pelo prazer da discussão dialética do que por qualquer outro motivo. A sua intervenção surge como uma compreensível reação de um inteligente, inquieto e provocador estudante, destes que expressam em seu olhar um misto de bondade e malícia.

O discurso do jovem Kierkegaard procurou demonstrar que o otimismo de seus contemporâneos com a imprensa liberal era enganoso. Ele se ateu ao ponto crucial ao defender, por um lado, que a situação da sociedade dinamarquesa era menos penosa do que os discursos anteriores levavam a crer e, por outro lado, que as recentes publicações eram menos combativas do sistema do que julgavam os elogiosos. Notas à margem do texto original, porém, denunciavam que o jovem filósofo havia redigido parte do seu texto antes de receber o manuscrito de Ostermann, como se estivesse apenas esperando a oportunidade de se expressar em público sobre o tema e mandar recados. Alguns dos sinais da maturidade filosófica de

Kierkegaard já estão presentes no seu discurso estudantil, tais como a insistência na precedência da existência sobre a essência ou a delimitação da vida individual como núcleo de crescimento moral (uma análise detalhada sobre o evento pode ser lida no primeiro capítulo da biografia escrita por Alastair Hannay, professor da Universidade de Oslo, a quem acompanhamos nesta introdução).

A postura de Søren Kierkegaard nos revela que o moderno imprime a sua marca decisivamente sobre o nosso modo de filosofar. Podemos ainda, enquanto professores de filosofia, buscar a verdade, mas é assaz improvável que esta seja a nossa primeira busca. Somos jovens que algum dia interessaram-se pela filosofia e, para além da escolha da profissão, decidiram pôr-se no caminho das questões filosóficas, reservar uma grande parte do seu dia ao exercício, primordialmente solitário e dialógico, do pensamento.

Alguns destes jovens se encontraram em Teresina em novembro de 2011 para realizar a XII Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard. Depois de onze encontros da SOBRESKI – Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard, ocorridos em São Paulo (USP, 2000), Campinas (UNICAMP, 2001), São Paulo (Escola de Sociologia e Política, 2002), Pocinhos do Rio Verde (2003), São Leopoldo (UNISINOS, 2004), São Paulo (USP, 2005), Fortaleza (UECE, 2006), Aracaju (UFS, 2007), João Pessoa (UFPB, 2008), São Leopoldo (UNISINOS, 2009) e Juiz de Fora (UFJF, 2010), chegou a vez da Cidade Verde. Durante estes encontros, o grupo amadureceu e compreendeu o que significa pertencer a uma sociedade ironicamente correta. Nossas jornadas são também um espaço para o teste amigável de nossas leituras de Kierkegaard e de nossas leituras de mundo.

Em Teresina, contamos com a organização do Mestrado em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí e com a participação de vinte e um

conferencistas, vindos de diversas instituições de ensino superior, do Brasil e do exterior, e mais de duzentos alunos e alunas, contingente reforçado pela visita de aproximadamente quarenta alunos e alunas vindos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.

Com alegria quer a Revista Pensando registrar, de alguma maneira, o acontecido e o fará com a publicação deste dossiê. O leitor encontrará, no presente número, onze dos textos apresentados na jornada, com a revisão que lhes deram posteriormente ao debate os seus autores. A ordem dos textos procura perseguir a trajetória de publicações do filósofo dinamarquês, em atenção ao objeto de cada artigo. Observamos que eles se ocupam especialmente de *Enten-Eller (Ou... ou...)*, *Philosophiske Smuler (Migalhas filosóficas)*, *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift (Pós-escrito conclusivo não-científico)*, *Kjerlighedens Gjerninger (As obras do amor)* e *Sygdommen til Døden (A doença para a morte)*. Temos, portanto, os seguintes artigos: *Diário de um sedutor: uma narrativa autoficcional?* de Jacqueline Oliveira Leão (UFMG), *A construção de uma moral da existencialização do indivíduo a partir da ética sapiencial kierkegaardiana em consonância com a ética prudencial kantiana* de André de Oliveira (UFT), *Tempo e eternidade sob a perspectiva do uno em Melisso de Samos e do devir kierkegaardiano no Interlúdio de Migalhas Filosóficas* de Humberto Araújo Quaglio De Souza (UFJF), *Hegel no Pós-escrito de 1846, hoje no Brasil* de Álvaro L. M. Valls (UNISINOS), *Sobre uma Existentiel-Videnskab: o conceito de Inter-Esse no Pós-escrito* de Gabriel Ferreira da Silva (UNISINOS), *Assimetria ética em Kierkegaard como fundamento da segunda-ética* de Jorge Miranda de Almeida (UESB), *Lei e liberdade no último passo de Kierkegaard* de Daniel Arruda Nascimento (UFPI) e *Anti-Climacus e a noção de natureza humana: uma passagem d'A Doença para a Morte* de Nuno Ferro (Universidade Nova de Lisboa, Portugal). Em seguida, virão três outros artigos que comparam a obra do filósofo dinamarquês com a de outros autores. São eles: *O Fausto de Johann Wolfgang von Goethe: uma leitura de dentro da obra de Kierkegaard e de*

Thomas Mann de Deyve Redyson (UFPB), *Nietzsche e Kierkegaard: os críticos da decadência na sociedade ocidental* de Ícaro Souza Farias (UESB) e *A educação da subjetividade em Kierkegaard e Paulo Freire* de Cleiton Santos Nunes (UESB).

Daniel Arruda Nascimento

Editor-Especial

Maio de 2012